

Há cerca de cinquenta anos, a senhora Gage, uma viúva já idosa, estava sentada no jardim de sua casa, num povoado chamado Spilsby, no Yorkshire. Apesar de coxear e de ver já bastante mal, esforçava-se por arranjar um par de botas, pois mantinha-se com apenas alguns xelins por semana. Na altura em que martelava as botas, o carteiro abriu a porta e lançou-lhe uma carta para o colo.

Tinha o remetente «Srs. Stagg e Beetle, 67 High Street, Lewes, Sussex».

«Querida Senhora:

Temos o dever de informá-la da morte do seu irmão Joseph Brand.»

— Meu Deus! — exclamou a senhora Gage. — O meu irmão mais velho, Joseph, acaba de morrer!

«Deixou-lhe todos os seus bens», continuava a carta, «que consistem numa casa, um estábulo, caixotes com pepinos, escoadotes, carrinhos de mão, *etcetera, etcetera*, em Rodmell, perto de Lewes. Lega-lhe também a totalidade da sua fortuna, isto é, três mil libras esterlinas.»

A senhora Gage quase caía de alegria na lareira. Não via o seu irmão há muitos anos, e como ele nem sequer respondia aos postais que lhe enviava todos os anos pelo Natal, pensou que, como era muito sovina desde criança, não queria sequer gastar um péni em selos. Mas agora tudo seria diferente para ela. Com três mil libras, já para não falar da casa e de tudo o resto, ela e a sua família poderiam viver com grande luxo o resto dos seus dias.

Decidiu ir imediatamente a Rodmell. O clérigo do povoado, o reverendo Samuel Tallboys, emprestou-lhe duas libras e dez xelins para o bilhete e no dia seguinte concluíra já todos os preparativos

para a viagem. O mais importante era a necessidade de alguém cuidar do seu cão, Shag, durante a sua ausência, pois, apesar da sua pobreza, dedicava a vida aos animais e preferia passar privações a regatear um osso ao seu cão.

Chegou a Lewes numa terça-feira à noite. Naquela época, é preciso dizê-lo, não havia uma ponte para atravessar o rio em Southease, nem sequer se tinha construído a estrada de Newhaven. Para chegar a Rodmell era necessário atravessar o rio Ouse por um vau de que ainda subsistiam vestígios, mas só era possível com a maré baixa, quando as pedras do leito do rio afloravam à superfície. O senhor Stacey, o agricultor, ia na carroça a caminho de Rodmell e ofereceu-se amavelmente para levar a senhora Gage. Chegaram a Rodmell pelas nove horas, numa noite de novembro, e o senhor Stacey indicou cortesmente à senhora Gage a casa situada no extremo do povoado que o seu irmão lhe deixara. A se-

nhora Gage bateu à porta. Não obteve resposta. Voltou a bater. Uma voz muito estranha e aguda respondeu: «Não estou em casa!» A senhora Gage ficou tão surpreendida que se não tivesse escutado passos que se aproximavam teria desatado a correr. O caso é que uma velhota da aldeia, chamada senhora Ford, abriu a porta.

— Quem é que gritou «Não estou em casa»? — perguntou a senhora Gage.

— O palerma do pássaro! — disse a senhora Ford muito aborrecida, apontando para um papagaio grande e cinzento. — Quase me rebenta a cabeça com os seus gritos. Passa o dia no poleiro como uma estátua e sempre que nos aproximamos dele grita «Não estou em casa».

Era um pássaro muito bonito, segundo pôde observar a senhora Gage, pena que tivesse as penas pouco tratadas.

— Se calhar está triste ou tem fome — comentou. Mas a senhora Ford disse que simplesmente tinha mau génio. Pertencera

a um marinheiro e tinha aprendido a falar no Oriente. Contudo, acrescentou, o senhor Joseph gostava muito dele e chamava-lhe James; explicou-lhe que falava com ele como se fosse um ser racional. A senhora Ford não tardou a ir-se embora. A senhora Gage pegou num pouco de açúcar que levava consigo e ofereceu-o ao papagaio, dizendo-lhe num tom muito suave que não ia fazer-lhe nenhum mal, que era a irmã do seu velho dono, que vinha tomar posse da casa e que faria o que fosse possível para o tornar tão feliz quanto pode ser um pássaro. Em seguida, pegou numa candeia e percorreu a casa para ver que tipo de propriedade o seu irmão lhe deixara. Teve uma amarga decepção. Os tapetes estavam cheios de buracos, as cadeiras sem fundos e as ratazanas corriam em volta do fogão. No soalho da cozinha cresciam enormes cogumelos. Não havia um único móvel que valesse duas patacas; e a senhora Gage só se alegrou ao pensar nas